

SOBRE INTEIREZA, PARTILHA E GINGA: TESSITURAS PARA UMA DOCÊNCIA EM PSICOLOGIA ENGAJADA EM ADIAR O FIM DO MUNDO

Maíne Alves Prates¹
Luciana Rodrigues²

Resumo

Esta escrita busca partilhar diálogos com feministas negras e referências pactuadas com o exercício contracolonial, firmando aprendizados que nos ajudem a seguir adiando o fim do mundo; a sustentar ser inteireza e amorosidade no chão da sala de aula do ensino superior em Psicologia. Sustentamos uma prática pedagógica engajada, que afirma o corpo, a experiência e a contação de histórias sem perder de vista o aprendizado situado como conteúdo. Partilhamos nossas histórias para que elas possam instigar o compartilhar de outras e o pensar sobre possíveis escolhas nas encruzilhadas dos territórios educacionais. Nos importa a ginga, a gira, a roda, o cirandar que provoca efeitos de transformação do ser e do social, a partir de uma educação como prática de liberdade.

Palavras-chave: formação; Psicologia; feminismos negros; pedagogia engajada; antirracismo.

ABOUT WHOLENESS, SHARING AND GINGA: APPROACHES FOR TEACHING PSYCHOLOGY COMMITTED TO POSTPONING THE END OF THE WORLD

Abstract

This text seeks to share dialogues with black feminists and references engaged with the countercolonial exercise, establishing lessons that can help us continue postponing the end of the world; to sustain wholeness and love in the classroom in higher education courses of Psychology. We support an engaged pedagogical practice, which affirms the body, personal experiences and storytelling without losing sight of situated learning as content. We share our stories to encourage others to share theirs, and think about possible choices at the crossroads of educational territories. We care about the ginga, the gira, the conversation circle, the cirandar that causes effects of transformation of the being and the social, based on education as a practice of freedom.

Keywords: education; Psychology; black feminisms; engaged pedagogy; anti-racism.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Santa Cecília, Porto Alegre – RS, 90035-003, maïnealvespratesn@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Santa Cecília, Porto Alegre – RS, 90035-003, lurodrigues.psico@gmail.com



Abrindo caminhos

Seu Tranca Rua, dá uma volta lá fora

Seu Tranca Rua, dá uma volta lá fora

Quem for bom, bota pra dentro

E quem não for, deixa lá fora

Quem for bom, bota pra dentro

E quem não for, deixa lá fora

Ponto de Exu

Abrindo a porta da sala de aula, encontramos um universo. Um universo de mesas e cadeiras que, se falassem nossa língua, nos contariam diversas histórias de quem se acomodou nelas. Ao arrumarmos as cadeiras em formato de roda, estamos apresentando nossa proposta na disciplina ofertada: a circularidade na fala, a oportunidade de nos olharmos nos olhos e compartilhar experiências de mulheres negras que vieram antes de nós, pois, como canta Lia de Itamaracá, “essa ciranda não é minha não, ela é de todos nós”³. A partir disso, pensamos a produção de conhecimento em um tecer coletivo, em que a participação é semeada com sensibilidade e afeto. Semear sensibilidade e afeto rompe silêncios, pois apostamos junto com Audre Lorde (2020a) que o silêncio não nos protege das opressões — o que nos move a buscar romper o silêncio de estudantes acostumadas/os, em meio a processos de ensino e aprendizado de uma academia branca, patriarcal, centrada no norte global e elitista, a absorver o conhecimento sem a troca mútua de experiências. O costume da sala de aula em que uma pessoa, detentora do conhecimento, ensina muitas vezes nos faz sentir que romper esse pacto causa feridas em quem não compactua com essa educação hierarquizante — feridas provocadas pelo silenciamento de suas experiências, pela negativa de sua história. Chimamanda (2019, p. 14) nos ensina que contar uma única história

³ Música “Minha ciranda”, interpretada por Lia de Itamaracá. Compõe o álbum “Eu sou Lia”, lançado em 2000. Composição de Capiba, E. Saude Neres e Paulinho Viola.



cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. [...] Ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum.

Como docentes em sala de aula, presenciamos o sofrimento de estudantes que não têm suas histórias escutadas e validadas dentro da academia, e essa constatação surge de teorias constituídas de uma única localização, onde quem tem o poder baliza a história legitimada. No entanto, para o exercício de uma educação aliançada ao enfrentamento das políticas de dominação, uma educação como prática de liberdade (hooks, 2017, p. 91), é fundamental não esquecermos que

Lembrar de histórias é uma ferramenta essencial para pensadores e escritores. Em vez de supor “penso, logo existo”, gosto de pensar que sou porque a história é. As histórias que conto sobre mim constituem o eu em “eu, como me vejo” enquanto narro.

Se, como pessoas, somos feitas, entre outros elementos, de histórias, são elas que constituirão o chão a partir do qual firmamos a articulação do campo problemático desta escrita. Visamos, como objetivo, realizar uma partilha de nossos diálogos com feministas negras e referências pactuadas com o exercício contracolonial que têm nos ensinado sobre possibilidades de adiar o fim do mundo, ser inteireza e amorosidade, ali mesmo, no exercício da docência em uma sala de aula do ensino superior em Psicologia, a partir do exercício de uma pedagogia engajada (hooks, 2017). Que histórias contamos no exercício de uma docência como prática de liberdade? Que histórias aprendemos com essas mulheres, contamos de nós mesmas, escutamos de quem nos oferta suas palavras? Nesse cirandar, vamos produzindo diálogos sobre que convites tudo isso nos movimenta no espaço da sala de aula. Se aprendemos com feministas negras e não brancas a sermos inteireza (Lorde, 2020b), a nos autorrecuperarmos para erguermos nossas vozes (hooks, 2019) e a compreender que vida, trabalho e escrita não são coisas separadas (Anzaldúa, 2019), é importante situarmos você, que nos lê, sobre quem somos e de onde partimos.

Eu, Maíne, sou uma mulher cis, negra (de pele retinta), orientação sexual dissidente, doutoranda no campo da Psicologia Social e, antes de tudo isso, poeta e

mulher de axé. A poesia, herança de meu pai e de minha mãe, convida meu corpo a não apenas ver, mas sentir as experiências que atravessam meu corpo com todos os sentires que essa palavra possa comportar de significado. Em meu caminhar na Psicologia Social, as experiências foram grafando meu corpo através do espiralar do tempo (Martins, 2021). Nessa espiral, vejo muitas experiências que me fizeram acreditar que eu era uma pessoa tímida e não estudiosa, produzindo insegurança ao me ver como produtora de conhecimento. Ao mesmo tempo, vejo a poeta de rua, a trabalhadora da política pública que senta no chão, que dança e canta com as pessoas que acompanha, e a doutoranda que aprendeu com as mulheres negras que vieram antes de mim a amar o exercício da docência colocando as experiências, minha e da turma, para gingar.

Eu, Luciana, sou uma mulher cis, negra (de pele clara), lésbica, docente-pesquisadora no campo da Psicologia Social em articulação com as relações raciais, mãe de um menino faceiro (no tempo desta escrita, com 7 anos) e neta de uma avó negra benzedeira. A vó Almerinda, em suas sabsenças, me ensinou sobre cuidar e acolher; a encarnar e encantar no e com o corpo fazeres para conhecer e acessar o mundo, assim como as mulheres dos feminismos negros têm me ensinado um tanto de coisas que transformaram meu corpo-professora, minhas perspectivas epistemológicas e, também, como ser inteireza neste universo acadêmico que, não raro, nos fragmenta. Se aqui estou, como uma professora com amor ao exercício da docência, é porque outras lutaram pelo sonho de um presente em que elas seguiriam existindo em nós e, assim, eu também estou aqui, sustando o sonho de um futuro com muitas/os/es de nós.

Articulando um percurso teórico-metodológico

Antes de passarmos à partilha de nossas histórias e à discussão de como elas informam e produzem o modo como buscamos compreender a sala de aula, é importante contar o percurso teórico-metodológico que sustenta a criação desta escrita, assentada na aposta em uma produção do conhecimento que não anule nossos corpos, nossas subjetividades e nossas experiências.



Em *Intelectuais negras*, bell hooks (1995), a partir de seu contexto estadunidense, nos mostra como, para mulheres negras, a possibilidade de produção do conhecimento estava (e está) intrinsecamente ligada a uma política do cotidiano, aquela que não separa vida e escrita. Isso também nos ensina a chicana Gloria Anzaldúa (2019, p. 90):

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros.

Desse modo, com o intuito de encontrarmos linhas dialógicas que nos ajudassem a compor pistas e encontrar caminhos possíveis ao objetivo deste trabalho, lançamos mão de uma escrita que, metodologicamente, usou como procedimento o ato de contar histórias, tanto em forma narrativa (histórias que são narradas ao longo do corpo do texto) quanto em formato de cartas. São histórias que registram nossas experiências e que acionaram nossas memórias ao transitar sobre o chão da sala de aula.

Contar histórias é, portanto, o procedimento que escolhemos para afirmar um modo de produzir conhecimento — um modo, aliás, que pode estar em diferentes performances da produção intelectual e científica. Esse é um dos importantes ensinamentos que encontramos no diálogo com bell hooks (2020a). Ao falar da importância de contarmos histórias, ela nos escreveu sobre como foi “grata por ter vivido para descobrir quanto do que nos diziam ser ciência dura ou dados era, na verdade, histórias, a interpretação de dados e fatos” (hooks, 2020a, p. 89). Para a autora, o ato de partilhar histórias nos coloca a possibilidade de compreendermos a nós mesmas, aos outros e às diferentes realidades. Ao mesmo tempo, histórias conferem uma certa intimidade à escrita (hooks, 2020a) — o que Gloria Anzaldúa (2019) também buscou imprimir na escrita de “Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do Terceiro Mundo”. Que nossas partilhas possam te convidar a movimentar docências engajadas em adiar o fim do mundo!

A sala de aula e a partilha de histórias



Contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade, dentro ou fora da sala de aula. Podemos compartilhar tantos fatos verídicos quanto histórias fictícias que nos ajudem a compreender uns aos outros (hooks, 2020a, p. 89).

Não é a primeira vez que sou (Luciana) estagiária de docência. A primeira vez foi no mestrado. Retorno, um ano depois da defesa da dissertação, para o doutorado. Sou tomada por uma corrente de nervosismo e ansiedade quando começo a arrumar a sala de aula. Ao mesmo tempo, sinto alegria e afago em participar dessa disciplina, “Pensando cuidado a partir de intelectuais negras”. Sinto a confiança de poder compartilhar minhas experiências de trabalho como psicóloga social, pois o que eu aprendi com Patrícia Hill Collins (2019) foi que a experiência vivida é um critério de significado e credibilidade, e a troca dessas experiências é fundamental para compreender as ideias de uma pessoa. Ao adentrarem a sala de aula, percebo a turma tão tímida quanto eu. A professora vai apresentar a disciplina e combina que, ao longo do semestre, as aulas serão feitas pela partilha de nossas experiências para pensarmos, *em coletivo* (nós e as intelectuais negras), o cuidado. Durante praticamente todo o semestre, as aulas são tomadas por livros infantis, incenso, café, chá e alguns lanchinhos. O convite à participação é incentivado, mas não imposto. Sinto que nós, enquanto turma⁴, pactuamos o compromisso de promover um ambiente seguro, acolhedor e afetivo.

A sala de aula, que, para muitos de nós, pessoas negras, foi (e ainda é) espaço de opressão e silenciamento de nossas experiências sob a égide de um saber universal, transforma-se em um espaço de trocas, de escuta, de afeto e de produção de conhecimento. Lembro, em uma ocasião, quando falávamos da importância do estabelecimento de vínculo e de como era complexo esse processo, de uma estudante negra comparar o vínculo com a ginga da capoeira. Os movimentos da dupla não são previsíveis, mas são síncronos e, nessa ginga, vão estabelecendo conexões, limites e afetações. Buscar nessa relação apenas o sintoma, o problema, a demanda para ser encaminhada “é perder a ginga” (*sic*).

⁴ Prioritariamente formada por mulheres (negras e brancas); havia apenas um estudante homem.



Perde-se muita coisa do vínculo quando a lente está hiperfocada no único propósito de responder à demanda de uma política ou de diagnosticar (e não de construir) uma relação conjunta.

bell hooks (2017) aposta no diálogo como alternativa de cruzar fronteiras, confrontar diferenças, discutir e criar solidariedade. Pensar na educação como prática de liberdade é pensar que todas as pessoas participantes são responsáveis por criar um ambiente de aprendizado. Isso diz muito mais de nós, docentes, abrimos mão do controle da sala de aula para deixar circularem as diversas vozes que nos habitam: docentes, alunes e toda uma multidão de pessoas que não necessariamente estão dentro da sala de aula, mas habitam cada um/a/e em seu processo de conhecimento e aprendizagem.

Como uma das professoras (ali, como docente responsável pela oferta da disciplina), lembro de como cheguei no primeiro dia de aula: encalorada, pelo deslocamento rápido com a bicicleta nas ruas ensolaradas de Porto Alegre. Chego na sala e Maíne já está lá, organizando a roda. Fico feliz em iniciar uma disciplina pensada com tanto carinho em parceria com outra professora negra, com alguém cuja postura ético-política com a qual transita pelo mundo eu admiro. Entendo que, entre as referências de intelectuais negras que ofertamos no plano de ensino, ela também foi nossa referência. Pensando o depois, nós duas fomos e cada uma/um na turma também foi; nossas partilhas de histórias foram fundamentais para tornar os conteúdos passíveis de serem localizados na vida, no corpo, em nossas relações. Como nos ensina bell hooks (2017), nosso trabalho no campo da educação não é somente partilhar informações. É preciso, junto a isso, que, nos conteúdos a serem aprendidos por todes, possamos buscar, instigar, convidar ao “conhecimento acerca de como viver no mundo” (hooks, 2017, p. 27). Isso significa que precisamos juntar a vontade de saber com a vontade de vir a ser.

Ora, se a disciplina é para pensar sobre cuidado, como poderíamos trabalhar a partir de uma educação como prática de liberdade (hooks, 2017) sem que o cuidado não estivesse presente, circulando e sendo corporificado por nós mesmas, ali, no espaço de uma sala de aula de uma formação em Psicologia? Como aprender sobre uma ética e política do cuidado sem que possamos experienciá-lo,



senti-lo, ofertá-lo entre nós, sem que a sala de aula seja uma comunidade de aprendizagem? bell hooks (2020a, p. 48) nos conta como, em seus trinta anos de sala de aula, não inicia suas aulas, “no contexto que for, sem antes criar as bases para construir uma comunidade em classe. Para isso, é essencial que professor e estudante tenham tempo para conhecerem uns aos outros”.

Por isso, em nosso começo, para além das saudações e apresentações do plano e do modo como compreendemos a sala de aula, fizemos o exercício de convidarmos a todes para nos apresentarmos a partir de algo. Nesse momento, cada uma/um de nós trouxe um objeto que nos descrevia para apresentar à turma.

O encantamento transborda ao conhecermos uma turma de muitos artistas. Não necessariamente da arte visual ou literária, mas artistas de vida: estudantes de outras cidades que vêm para estudar, estudantes com suas artimanhas para trabalhar, estudar e cuidar de seus filhos, estudantes que trabalham e ainda participam das atividades extracurriculares, entre outros!

Ao longo do semestre, em roda, entre as leituras de feministas negras e de livros infantis, o embalço de músicas, o cheiro de um incenso, o verde de uma planta e a partilha do café, do chá e das comidinhas (que começaram a ser trazidas e partilhadas por diferentes pessoas), fomos construindo uma possibilidade de experimentar o acolhimento, a intimidade e a segurança para que cada uma/um pudesse se sentir à vontade para partilhar suas compreensões sobre o que estudávamos, com e a partir do contar de histórias, fossem elas vivenciadas no dia a dia ou memórias de uma vivência do passado. Um aspecto importante, em nosso exercício da docência, era poder “criar um clima ideal para o aprendizado se compreendermos o nível de consciência e inteligência emocional dentro da sala” (hooks, 2020a, p. 47). Ali, diferentes emoções nos tomavam, acompanhadas, por vezes, de lágrimas; outras tantas, de sorrisos — afinal, éramos (e somos) um corpo presente, não um intelecto descorporificado que adentra as portas da sala de aula.

Nosso convite passava por nos permitirmos ser inteiras, ainda que estivéssemos em um espaço cujas heranças coloniais nos espreitam e nos violentam diversas vezes — principalmente corpos negros, indígenas, LGBTQIAP+, de pessoas com deficiência (PCDs), entre outros. Inspirando-nos em Audre Lorde



(2020a), buscamos juntas/os uma experiência de aprendizado coletivo em que pudéssemos nos engajar, também, a partir de suas palavras: “se eu não trouxer tudo o que sou ao que estiver fazendo, então não trago nada, ou nada de valor duradouro, pois omiti minha essência” (Lorde, 2020a, p. 104).

Para trazer tudo o que somos, nós convidamos ao exercício de refletir sobre nosso fazer e nosso sentir. Antes e depois das aulas, eu e Luciana conversávamos sobre como estávamos nos sentindo sobre os textos. O que eles nos suscitaram, o que eles nos convidavam a pensar sobre o nosso próprio autocuidado e, a partir disso, como iríamos compartilhar esses pensamentos/sentimentos com a turma. A constituição da disciplina se deu através do nosso encontro, em relação. Fazíamos ali um exercício de autorrecuperação; a recuperação de uma voz coletiva por meio da qual nosso passado e nosso presente emergiam, retomando nossa história, produzindo rachaduras na lógica dominante e colonialista que nos viola, silencia e desumaniza. hooks (2019, p. 78) reflete que “esse processo de autorrecuperação permite que nos vejamos como se fosse a primeira vez, pois nosso campo de visão não é mais configurado ou determinado somente pela condição de dominação”.

Durante esse período de estágio de docência, vivencio a experiência de, através da troca, retomar minhas histórias, celebrar a de cada pessoa e, em conjunto, ir tecendo a ideia de cuidado em um espaço uni-versitário, uni-versal, homogêneo e colonial que “consume subjetividades” (Krenak, 2019). Lembro uma das ocasiões em que compartilhei minha experiência de trabalho; falava sobre minha despedida do último lugar em que atuei como psicóloga. Disse ao grupo que acompanhava: “posso ir embora, mas o amor sempre estará aqui”. Um estudante, ao final do semestre, disse o quanto foi importante ouvir essa frase e poder pensar que nos corredores da universidade também pode existir amor.

O quanto, no campo da Psicologia, pode-se falar de amor sem medo de não parecer profissional/acadêmico? “Ensinados a acreditar que o lugar do aprendizado é a mente, e não o coração, muitos de nós pensamos que o ato de falar de amor com qualquer intensidade emocional será percebido como fraqueza e irracionalidade” (hooks, 2020b, p. 37). Pensar o amor como ação e não como um sentimento, para a autora, faz com que a gente, ao agir com amor, assuma



automaticamente uma postura de responsabilidade e comprometimento. Portanto, pensar nosso amor pela docência implica nos responsabilizarmos e nos comprometermos a oferecer um espaço seguro para que estudantes desenvolvam suas potencialidades e se permitam a entrega no exercício da profissão. Ao criar uma comunidade de ensino, estamos comprometidas também ao nosso crescimento e aprendizado. Estamos comprometidas a contar nossas histórias e correr os mesmos riscos que estudantes correriam nesse processo de aprender.

Dessa maneira, pensar a avaliação vai de encontro a esse engajamento de aprendizagem-ensino feito por nós e pela turma. Por isso, nossa proposta de avaliação no semestre em questão foi escrever uma carta à criança que cada um foi, contando como foi viver a disciplina durante o semestre e as aprendizagens que tecemos nessa jornada. Bom... se estamos falando sobre construir em conjunto o processo de ensino-aprendizagem e nos responsabilizarmos e nos comprometermos nesse processo, é natural nossa implicação em também participarmos desse momento avaliativo. Abaixo, compartilhamos nossas cartas realizadas na disciplina.

Querida Lu,

Há quanto tempo desejo te escrever. Por vezes, penso que falta tempo, mas, na verdade, acho que faltava mesmo era coragem. Te olhei por muito tempo de longe, tentando entender... e demorei muito pra compreender que o que mudaria algo em mim, hoje, era aprender a te acolher.

Pequena, tu é grande! E tu vai te tornar uma grande mulher. Não de tamanho, isso é evidente desde muito cedo né... hehehe, mas de coração. Não tenha medo, não precisa; a mulher que tu te tornou (e sim, posso dizer isso agora, em nossos 38 anos) vai te ajudar a nos amarmos, nos abraçarmos para redescobrir a tua, a minha, a nossa potência.

Sei que aí, em nosso início das andanças pela vida, tu te sentes a pequenada: a Luciana adulta seguiu sentindo isso em muitos momentos também. Mas nós crescemos, minha pequena Luzinha. Crescemos e florimos, como Flora fez



florir⁵ naquele livro (entre tantos) que nos surgiram como presentes. Nós voamos, minha pequena! Temos voado, rodopiado e dançado muito, com as bênçãos dos orixás. Nós nos transformamos juntas e juntas temos trabalhado muito (com todas as que vieram antes de nós e as que habitam nosso presente) para sonhar futuros para nosso povo, para transformar o espaço de formação que hoje ocupamos. Enfim, tu te tornou uma professora. Quem diria, né?! Escrevi sobre isso, com a Bruna, para compartilhar com outras pessoas que um espaço de sala de aula a partir de nossas histórias, uma sala de aula feminista e amefricana, era possível (Battistelli; Rodrigues, 2021) — palavras ainda desconhecidas para ti, mas que vão fazer parte de nossos processos de curamento diante das feridas das violências pelas quais passamos.

Hoje, como docente de uma universidade federal, constituímos um corpo-professora que se movimenta ética e politicamente buscando exercitar o acolhimento, o cuidado, compartilhando histórias e convidando estudantes a compartilharem as suas, para que o aprendizado de teorias e conceitos possa se dar de modo encarnado no corpo, possa fazer sentido e ser ferramenta para a transformação de nossas relações.

Fica bem, pequena! E saiba que, embora a solidão te abrace muitas vezes, tu não estás só.

Com amor,
a Luciana de 2023

Pretinha,

Há muito tempo que não escrevo para ti. Às vezes faltam palavras para poder te atualizar de tudo o que está acontecendo com a gente! Tu, que muitas vezes brincava de cantar com a escova de cabelo em frente ao espelho, agora canta para muitas pessoas enquanto recita poesias escritas por ti (sim! Tu conseguiu não ter mais vergonha de mostrar tuas poesias e

⁵ Referência ao livro intitulado *Flora, faça florir!*, com texto de Janete Marques e ilustrações de Di Lua. Publicado pela Editora Saíra, edição de 2021.



agora muitas pessoas te reconhecem por ser poeta!). Tu, que nunca imaginou retornar para o ambiente escolar, pois ele representava um espaço hostil e que te diminuía, agora está estudando para ser professora de universidade, pensando em concurso em alguma universidade federal por esse Brasil afora!

Tu já foi para muitas cidades fazer palestras e recitar poesias! TU! NÓS! Que tantas vezes fomos silenciadas e agora não cabemos mais em silêncio algum para destacar a voz de ninguém! Hoje, tu incentiva outres pretinhos como tu a falar, a escrever, a seguir seus sonhos! Sim! Tu ainda fala de sonhos, tu ainda ama banhos de chuva, tu ainda ama andar de pés descalços, tu ainda ama brincar com o vento, ouvir o barulho das folhas, observar o caminhar das formigas, sentir o sol no rosto, ouvir música e cantar com qualquer coisa que possa simular um microfone! Tu, apesar de tudo, a-pe-sar de tu-do, ainda é tu! Eu te agradeço muito por não ter desistido de ti! Te agradeço muito por ter resistido por nós a todas as violências que sofreu sem perder de vista as cores da vida! E aqui te deixo um trecho de um dos poemas que tu fez pra ti recentemente:

*Mãe te abraça,
 te acaricia, faça bem por ti!
Eu sei que te ensinaram a não te amar.
 Mas, a dona do espelho tá aqui!
 Pra refletir tua beleza forte,
 teus traços lindos teu sorriso aqui.
 Não esqueça que a mãe te ama, tá?
 Não esqueça disso, filha, tô aqui!*

Tessituras para uma docência engajada em adiar o fim do mundo

Sem que isso seja uma grande novidade para muitos dos povos que habitam nosso planeta, estamos vivendo, a cada dia, um mundo que tem diante de si o horizonte de seu próprio fim. Como nos diz Ailton Krenak (2019), a empreitada colonial, com toda a potência de sua violência, já findou o mundo para diversos



povos, portanto, o que vivemos hoje são os desastres do nosso próprio tempo. No entanto, como nos convida o autor, é preciso sonhar outros mundos possíveis (Krenak, 2019), e aqui nossa partilha trouxe a experiência desse sonhar coletivo no espaço da educação, da formação em Psicologia, a partir do chão que firmamos em nossa sala de aula.

Nesse sentido, nossa aposta em compartilhar nossas histórias e fazeres em formato de publicações precisa ser coerente com nossa aposta ética, estética e política que sustentamos no fazer docente em sala de aula. Por isso, nossas escolhas aqui estão aliançadas ao que bell hooks nos convida a pensar sobre publicações de livros e artigos: estas precisam fazer mais do espalhar informações; nossas publicações necessitam ser “testemunhas da importância da luta, do nosso esforço coletivo para transformar” (hooks, 2019, p. 74). Em nosso caso, isso diz do nosso trabalho em contribuir para a transformação da educação, na esteira das práticas para a liberdade, no campo de formação da Psicologia.

Liberdade pelo direito de sermos em nossos modos diversos de existir, de corpos negros, indígenas, LGBTQIAP+, PCDs acessarem e permanecerem na universidade, de pensar e trabalhar por uma formação psi pactuada com a luta antirracista, com o enfrentamento a todas as políticas de dominação. Pelo direito de seguirmos adiando o fim do mundo, também, a partir dos processos de ensino-aprendizagem, compartilhando nossas histórias, sonhando e construindo espaços presentes habitáveis, pautados em políticas do cuidado e de uma ética do amor. Não aquele amor romântico, dentro dos moldes dos aprendizados moderno-coloniais, mas o amor como ação, como prática e ato de vontade, de escolha; como modo de relação, comprometido com a expressão do “cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança” (hooks, 2020b, p. 55).

Como buscamos evidenciar ao longo de nossa escrita, a partilha de histórias tem um lugar de grande relevância em nossa prática docente, no modo como compreendemos ser possível transmitir aprendizados sobre como produzir cuidado, como escutar a partir do campo psi — lembrando que a escuta é uma ferramenta central na atuação profissional em Psicologia. Portanto, em nossa sala de aula, convivência, partilha, corpo, sentidos, emoções e experiências constituem pilares



fundamentais para o exercício de uma comunidade de aprendizagem e ela só é e foi possível, na experiência da referida disciplina, porque cada uma/um em sala de aula se engajou, se implicou em sua produção, para que ela se tornasse um espaço onde a formação estivesse articulada a processos de acolhimento, cuidado e autorrecuperação, na contramão das lógicas disparadas pelas políticas de dominação que nos fragmentam como sujeitos no mundo em deterioração no qual vivemos.

Tudo isso nos faz pensar e movimentar o modo como atuamos no ofício da docência, no modo como nos constituímos como professoras nesse campo de formação que é o ensino superior, a partir não apenas de nossos estudos sobre educação, mas da relação que estabelecemos com a turma em sala de aula. bell hooks (2017, p. 253) nos conta que, quando se tornou professora, as pessoas não falavam sobre “a relação entre corpo e ensino. O que fazer com o corpo na sala de aula?”. Somos, como docentes, também um corpo em sala de aula; um corpo que não está nem acima nem abaixo, mas que precisa estar ao lado, ainda que assumindo um lugar diferente na mediação dos processos de ensino-aprendizagem. Um corpo que aprende e ensina junto com outros; que se emociona e também compartilha suas histórias. Um corpo que acolhe e cuida do crescimento integral de cada uma/um em sala de aula, assim como do seu próprio ser.

A ética e filosofia de Oxum nos ensina que o autocuidado vem primeiro. Há quem, imerso em aprendizados coloniais, possa perceber isso dentro de uma lógica egocêntrica. Ledo engano, pois, para cuidar de outros sujeitos, precisamos estar conectadas com o exercício do autocuidado de nós mesmas — como oferecer ao outro aquilo que nós mesmas não experienciamos? É preciso que nossa mirada se volte para o espelho de Oxum. A mirada no lago de Narciso (mito disseminado pelo mundo ocidental) nos adoece. O reflexo branco nos empurra para águas de profunda violência e dominação. Já, como entoava a canção: “Oxum é água que aparta a morte/ Oxum melhora a cabeça ruim [...]”⁶.

⁶ “Louvação a Oxum”. Música interpretada por Mariene de Castro no álbum *Maria da Canção*, lançado em 2023. Composição de Ordep Serra e Roberto Mendes.

Eduardo Miranda (2020) nos apresenta uma imagem-conceito potente para pensarmos o corpo na formação docente: o corpo-território, que trazemos aqui para dialogar com nossa experiência e os ensinamentos de bell hooks (2017) no campo da educação como prática de liberdade. Ele nos diz que termos a dimensão do nosso próprio corpo envolve e “só se é possível p[o]r e a partir das experiências, as quais não devem ser confundidas com o acúmulo de informações ou excesso de dados modificáveis socialmente” (Miranda, 2020, p. 34). Nessa direção, é um corpo que precisa acionar seus sentidos e “experimentar o mundo com leituras próprias, para sentir a energia vital presente no encontro com o outro” (p. 27). Para o autor, esse corpo-território é posto em relação de aprendizagem com outro orixá, Oxumaré, com quem aprende a mensagem filosófica sobre o direito de viver a diversidade, pois Oxumaré “é patrono dos contrastes existentes entre os grupos humanos” (Miranda, 2020, p. 29).

Esses ensinamentos nos reafirmam a importância fundamental de movimentos e práticas contracoloniais no universo acadêmico, exercícios cotidianos que possam romper as amarras da uni-versidade para sua efetiva transformação em um ambiente de formação cuja perspectiva seja pluriversal, aliançada com a transformação do eu, de subjetividades, de relações e, conseqüentemente, com a transformação social. Tal movimento só é possível se sustentarmos o acesso e a permanência pautada tanto no respeito de corpos diversos quanto em epistemologias negras, ameríndias e contracoloniais.

Considerações finais, ou um fechamento assentado na abertura das encruzilhadas

Operadora de linguagens performáticas e também discursivas, a encruzilhada, como lugar terceiro, é geratriz de produção sógnica diversificada e, portanto, de sentidos plurais (Martins, 2021, p. 51).

Como produzir uma sala de aula comprometida com uma pedagogia engajada e a construção de uma comunidade de aprendizado na formação em Psicologia? O que temos aprendido e com quem aprendemos sobre uma educação que possa se juntar à sustentação de práticas que contribuam para adiar o fim do



mundo, que nos ensine sobre ser inteireza e amorosidade ali no chão de nossas salas de aula? Essas são perguntas que permearam nossa escrita e nossas partilhas até aqui. Com elas, desejamos ofertar a você com quem dialogamos não um “manual” sobre o exercício da docência, mas um honesto convite para que você pense sobre suas experiências no campo da formação no ensino superior, independente do lugar que você ocupe nele.

Partilhamos nossas histórias para que elas possam instigar você a compartilhar as suas, a pensar sobre quais foram e quais são suas possíveis escolhas nas encruzilhadas da vivência em meio aos territórios educacionais, para subverter a cisão corpo e mente e estarmos inteiras “com todo o coração — em sala de aula” (hooks, 2017, p. 256).

Como ensina bell hooks (2017), a paixão, o afeto, carinho e o desejo de contribuir para o crescimento de todes tem (e precisa ter) espaço em sala de aula. Como promover e acolher afetos nesse espaço se não pensarmos/sentirmos nossos corpos, sem nos engajarmos, como docentes, em processos de autoatualização e autorrecuperação? “Chamar atenção para o corpo é trair o legado de repressão e negação que nos foi transmitido pelos professores que nos antecederam, em geral brancos e do sexo masculino” (hooks, 2017, p. 253).

A sala de aula pode (e deveria) ser, como menciona a autora, um espaço de aprender conteúdos e técnicas profissionalizantes de forma interconectada com modos de ser, viver e se relacionar em nossos cotidianos. Não há educação possível que sustente adiar o fim do mundo se suas práticas forem baseadas em uma pedagogia da monocultura, nos aprendizados colonizadores que visam, justamente, adaptar (e, se preciso, eliminar) nossos corpos diante das políticas de dominação globalizadas — uma pedagogia supremacista branca, patriarcal e imperialista-capitalista (hooks, 2019).

Nossa escolha, em sala de aula, é por uma pedagogia engajada, pela reafirmação do corpo, da experiência, da contação de histórias, sem que isso nos faça perder de vista o aprendizado daquilo que, no linguajar acadêmico, é situado como conteúdo. Nos importa a ginga, a gira, a roda, o cirandar que provoca efeitos de transformação do ser e do social. O que a encruzilhada nos oferta é a escolha, e

a mudança é sempre uma possibilidade transformadora. E você, tem seguido por quais avenidas?

Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *In*: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). **Histórias das mulheres, histórias feministas**. São Paulo: MASP, 2019. v. 2, p. 85-94.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; RODRIGUES, Luciana. Contar histórias desde aqui: por uma sala de aula feminista e amefricana. **Questio**: Revista de Estudos em Educação, v. 23, n. 1, p. 153-173, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WWF: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020a.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, 1995. Disponível em: <http://search.proquest.com/openview/66db7421fda8692ba1f6f2c1c370ce0e/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2036510>. Acesso em: 20 maio 2024.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020b.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã**. São Paulo: Ubu Editora, 2020b.



MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIRANDA, Eduardo O. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020.